

# Caminhos abertos pela Guerra (1865-1868)

Paths opened by war (1865-1868)

Leonam Lauro Nunes da SILVA<sup>1</sup>

## Resumo

Tratar das relações desenvolvidas entre os beligerantes Brasil e Paraguai com um vizinho comum de fronteira, a Bolívia, durante o maior conflito armado já ocorrido no continente, é o objetivo do artigo. A análise recai sobre o período em que Corumbá ficou ocupada por tropas do presidente paraguaio Francisco Solano López, entre os anos de 1865 e 1868, e as relações mantidas com a Bolívia no tocante à diplomacia, bem como a interação comercial entre as populações na região de fronteira.

**Palavras-chave:** América do Sul. Fronteiras. Guerra.

## Abstract

To deal of the relations developed between the belligerents Brazil and Paraguay with a common neighbor of border, Bolivia, during the biggest occurred armed conflict already in the continent, is the objective of the article. The analysis falls again on the period where Corumbá was busy for troops of Paraguayan president Francisco Solano López, it enters the years of 1865 and 1868, and the relations kept with Bolivia in regards to the diplomacy, as well as the commercial interaction enters the populations in the border region.

**Keywords:** South America. Borders. War.

---

1 Professor de História do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso, em sua linha *Territórios e Fronteiras*. End. institucional: Rua Comandante Costa, 1144, Ed. Tarcom - Sala 12, Centro - CEP 78020-400 E-mail: <leonam.silva@plc.ifmt.edu.br>.

Era janeiro de 1865, quando forças paraguaias comandadas pelo Coronel Vicente Barrios (? -1868), compostas por um efetivo de sete mil e quinhentos homens, por terra e água, ocuparam o sul da Província de Mato Grosso, tomando o porto de Corumbá - população situada à margem direita do Rio Paraguai, estabelecendo ali um comando militar. Modificava-se, assim, o cenário fronteiriço com a inclusão de novos atores, protagonistas de um excepcional relacionamento, que se desenvolveu durante a *Guerra Grande*, entre 1865 e 1868.

Fundada em 1778, pelos portugueses, Corumbá sempre exerceu uma função geopolítica importante. Tida como a *cidade fortificada*, tem no forte Coimbra, construído em 1775, um guardião, cuja principal missão era a de resguardá-la contra possíveis ataques inimigos, ocupando lugar estratégico na tríplice fronteira (Brasil, Paraguai e Bolívia)<sup>2</sup>. A região onde se estabeleceu a população é circundada em boa medida pelo Rio Paraguai e por seus braços. Conta também com uma toponímia que tem nas íngremes morrarias um traço marcante, de onde é possível contemplar todo o cenário que a abriga. A Oeste faz fronteira com o território boliviano e, ao Sul, as águas do mencionado rio seguem seu trajeto rumo ao Paraguai, até encontrarem a *Madre de Las Ciudades*, Assunção.

Normalmente colocado em segundo plano pela historiografia nacional, o território matogrossense testemunhou ações que repercutiram, indubitavelmente, no transcurso da contenda militar. Vale destacar, de saída, a grande quantidade de carne verde (fresca), oriunda dos vastos rebanhos de gado *vacum* pertencentes às confiscadas propriedades brasileiras, consumida pelos militares da república guarani (CORREA, 1980). A carne atendeu também à população da capital paraguaia, Assunção. Em um interrogatório feito ao desertor paraguaio Benjamim Ferreira Flores, as autoridades da Província de Mato Grosso foram informadas que, de uma só vez, foram remetidas para Assunção nada mais nada menos do que quatorze mil cabeças de gado<sup>3</sup>. Para um país que testemunhava dia-a-dia seus recursos, tanto humanos quanto naturais, serem exauridos pela guerra, o produto era precioso e bem-vindo.

Francisco Solano Lopez não estava fora de si ao colocar em prática seu projeto de ocupação. Engendrou tudo com enorme cuidado. Antes de a guerra eclodir havia, inclusive, paraguaios vivendo na Província de Mato Grosso, exercendo a função de espíões.

Foi possível constatar no transcurso da pesquisa, em manuscritos, a perplexidade

2 Guardião que quase um século depois não se mostrou tão eficiente, haja vista a facilidade encontrada pelos paraguaios que, com poucos esforços, transpuseram a fortaleza e ocuparam Corumbá.

3 Informação colhida de documento avulso intitulado "Auto de perguntas feitas ao Paraguaio Benjamim Flores", datado de 16 de agosto de 1866. Lata C - 1866. APMT.

e revolta das autoridades provinciais matogrossenses com os relatos sobre o tratamento dispensado aos prisioneiros de guerra brasileiros pelos paraguaios. Diziam que era esse o pagamento dado à boa acolhida que os inimigos receberam enquanto estiveram na região, na realidade colhendo informações que eram transmitidas ao comando militar paraguaio.

Situação esta que pode ser verificada em um ofício dirigido pelo Major Francisco Carlos Barros Deschamps ao Vice Presidente da Província, Dr. José Anastácio Murтинho, no qual dava ciência a respeito da prisão de João Coxo, famoso paraguaio, alçoz dos habitantes fugitivos de Corumbá. Dentre outras considerações, revela preocupação com a segurança do citado prisioneiro, receando que o mesmo pudesse ser objeto de retaliações por parte dos militares que o acompanhavam, uma vez que *tal monstro abusou da nossa hospitalidade quando viveo entre nós*, neste e n'outros pontos da Província<sup>4</sup>.

A estratégia de abrir duas frentes de batalha pode até ser objeto de avaliação e, por conseguinte, questionada. O que não se pode negar é que, em princípio, a tática empreendida corroborou para que os objetivos táticos de Lopez fossem alcançados. Tanto é verdade que, ao ocupar Corumbá e demais localidades adjacentes, praticamente inviabilizou que fosse realizada pelo exército brasileiro uma contra-ofensiva pelo norte – apesar das tentativas, como no clássico episódio da *Retirada de Laguna* (TAUNAY, 1905), ao manter a principal artéria do Pantanal mato-grossense, o rio Paraguai, livre para as pretensões logísticas guarani. Rio, este, alvo da ambição de personagens que tiveram atuação destacada no teatro de operações, mesmo sem terem disparado um único tiro.

Em 1865, posteriormente à anexação de parte da Província de Mato Grosso – espaço que ganhou *status* de *Província do Alto Paraguai*<sup>5</sup>, o ministro de Guerra e Marinha paraguaio, General Vicente Barrios, despachou uma comissão de doze pessoas sob a condução do francês Domingo Pomiés, para explorar um caminho que conduziria até a povoação de *Santo Corazón* – última das missões jesuíticas espanholas, fundada em 1760, localizada na Província de Chiquitos e Moxos, Departamento de Santa Cruz de la Sierra, no oriente boliviano. Bem-sucedida, a expedição se estendeu até a cidade de Santa Cruz, retornando para Corumbá.

Pomiés, aliás, foi devidamente recompensado pelos trabalhos prestados, recebendo do governo provisório da Bolívia um bom numerário, quinhentos pesos, e mais uma extensão ininterrupta de terras, 12 léguas quadradas, a serem escolhidas

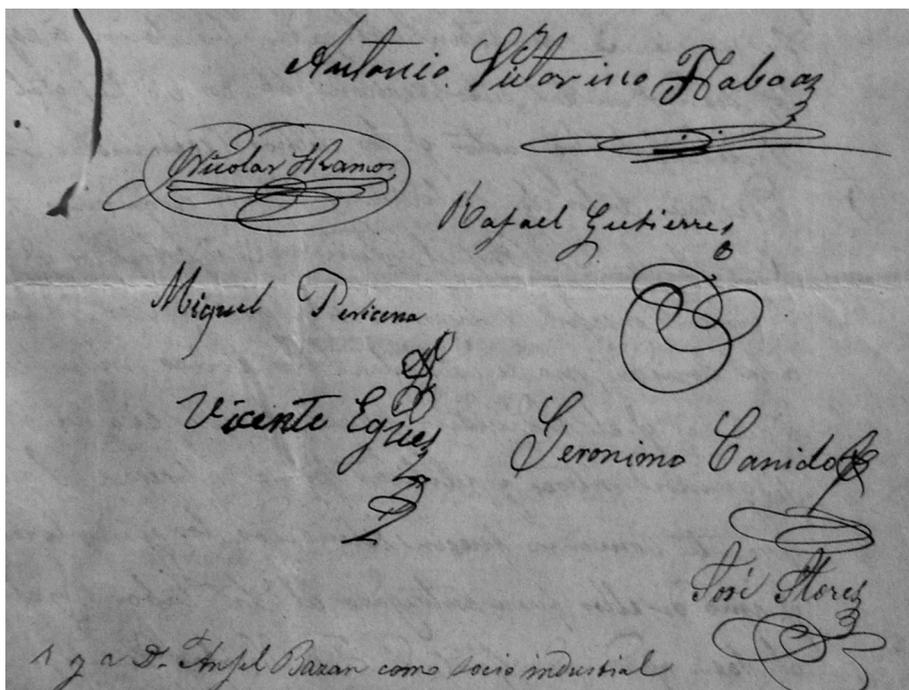
4 Ofício nº. 16, datado de 20 de março de 1869. Documento localizado na Lata A – 1869. APMT.

5 Nomenclatura presente na obra do historiador: Correa (2006).

pelo explorador francês, às margens do caminho aberto entre as duas localidades<sup>6</sup>.

Boa parte do elenco de atores, protagonistas da trama analisada, se reportava à *Sociedad Progresista de Bolívia*, cuja sede estava em Santa Cruz de la Sierra. A pesquisa nos revela que o influente grupo de empresários e comerciantes cruz-serranos fomentou o comércio pelo caminho paraguaio-boliviano. Celebrado em maio de 1864, na localidade de San Rafael de Chiquitos, o contrato que regulamentou a referida sociedade capitalista dispôs sobre as responsabilidades dos sócios acionistas para com a empresa. Em sua composição original, a *Sociedad Progresista de Bolívia* tinha dentro de seus quadros cidadãos que possuíam, em tese, *lastro* financeiro para honrar a concessão dada pelo governo boliviano – então sob a gestão de José María Achá – para explorar caminhos em direção Rio Paraguai. A seguir, podemos observar as assinaturas dos audaciosos empreendedores<sup>7</sup>.

#### Ilustração 1 - Assinaturas dos membros originais da Sociedad Progresista de Bolívia



6 O oficial paraguaio Francisco Bareiro comunicando ao Presidente Francisco Solano Lopez a respeito do conteúdo de um dos impressos que recebera proveniente da Bolívia, que noticiava a concessão de terras ao explorador francês Domingo Pomiés pelos serviços prestados ao governo da Bolívia. Assunção, 26 de julho de 1866. ANA-SH, v. 350, n. 2, folha 56.

7 Contrato que regulamenta a atuação da Sociedad Progresista de Bolívia, celebrado em San Rafael de Chiquitos, às três horas da tarde, do dia 26 de maio de 1864. ANA-SH, v. 446, n. 1, Folha. 191.

O capitão paraguaio Francisco Bareiro, em comunicado expedido para o Ministro de Guerra e Marinha, relatou assim sobre um banquete oferecido pelo comandante Hermógenes Cabral ao Sr. José Flores, um dos representantes da *Sociedad Progresista de Bolívia*:

En la noche del 26 de Julio ha obsequiado con un banquete y baile a D. José Flores y demás compañeros, en los que se ha experimentado un entusiasmo general. En el banquete el Capellán de tropas Sr. Ydoyaga había pronunciado un discurso expresándose los benévolos sentimientos del Excelentísimo Señor Presidente de la República para con la boliviana y su gobierno, á lo que el Señor Flores respondió con palabras muy expresivas, diciendo que la República de Bolivia y su gobierno no sabrá con qué lenguaje expresar su gratitud al gobierno paraguayo por el distinguido bien que ha hecho a la abertura de una vía terrestre de aquel punto al de Santo Corazón, y que el vaso de vino que iba a tomar se convertiría en sangre de los bolivianos<sup>8</sup>.

Clarifica-se que houve a junção entre necessidade e senso de oportunidade, levando paraguaios e bolivianos à idealização e execução do projeto que viria a estreitar o comércio entre as partes, através do caminho aberto entre Corumbá e Santo Corazón. A *Sociedad Progresista de Bolívia* operava, em parte, com capital espanhol, personificado na figura de Antonio Victoriano Taboas, cidadão de naturalidade espanhola.

Intrigante atinar para a circulação de dinheiro europeu e até mesmo para a presença de mão-de-obra estrangeira, vinda do *velho continente* (caso do topógrafo e explorador francês Pomiés, por exemplo). Características do liberalismo econômico, encontradas no século XIX, que nos remetem ao avanço do capitalismo nos países em estudo e à embrionária ideia de globalização, tanto no tocante aos serviços quanto aos produtos.

Dada a relevância do empreendimento e o alto investimento realizado, causaria estranhamento se as relações contratuais entre os sócios da empresa capitalista ficassem imunes aos conflitos de interesses. E as tensões, realmente, se fizeram presentes, com prejuízos à figura de Antonio Victoriano Taboas, vítima de uma representação movida pelos demais membros da sociedade. Estes

---

8 Comunicado do oficial paraguaio Francisco Bareiro a Vicente Barrios, Ministro de Guerra e Marinha do Paraguai. ANA-SH, v. 344, n. 7-8-9, 1865. Assunção, 10 ago. 1865.

o ameaçavam com o desligamento do grupo de investidores, caso não fosse cumprido integralmente o que fora acordado em contrato. Nas palavras usadas pelos litigantes, o empresário espanhol surpreendeu o governo nacional “con falsas y exajeradas promesas ha sacrificado nuestro tiempo y fortuna faltando con los socios capitalistas extranjeros, un buque de vapor y una goleta que se comprometió presentar por su parte para ejecución de la dicha empresa”<sup>9</sup>.

Pressionado, Taboas não teve outra alternativa senão abrir a sociedade para demais interessados. Dessa conjuntura aproveitou-se D. Domingo Bargas, boliviano que passou, então, a dividir com o empresário espanhol o ônus financeiro da empreitada.

Somente em janeiro de 1866, quando os trabalhos já estavam em curso, os paraguaios deram publicidade, através da imprensa, às tratativas com vistas a abrir uma via de comunicação com fins comerciais com a Bolívia.

Depois de algumas incursões com o intuito de reconhecer o terreno e examinar possibilidades, tiveram início as obras que visavam dar ao caminho condições para receber o tráfego comercial entre Corumbá e Santo Corazón. O capitão guarani Francisco Bareiro, em comunicado enviado ao Ministro da Guerra e Marinha, General Vicente Barrios, datado de 8 de abril de 1866, informava assim sobre o andamento da empreita logística:

En la mañana del 20 había regresado á Santo Corazón el ciudadano boliviano D. Miguel Cecilio Chavez con lo cuatro naturales que le acompañaban ha entregado la una docena de hachas por [ilegível] al pueblo para conducir a [ilegível] de naturales viene abriendo el camino hasta Corumbá. Por súplica del indicado casique ha despachado con el referido Chavez al Subteniente de Infantería ciudadano Luís Gauna con 20 de tropa conduciendo 20 arrobas carne salada para consumo de los trabajadores. Según relación del boliviano D. Domingo Bargas que llegó en Corumbá el 16 ppdo., el camino abierto tiene como 18 leguas de internación en el monte y como cincuenta y tantas dichas de distancia desde Santo Corazón hasta Corumbá<sup>10</sup>.

9 Representação dos membros da *Sociedad Progresista de Bolivia* cobrando do seu sócio majoritário, Victorino Antonio Taboas, o cumprimento de cláusulas contratuais. ANA-SH, v. 446, n. 1, 1866. Santiago de Chiquitos, 30 jul. 1866. O *buque de vapor* e a *goleta* mencionadas no documento foram embarcações usadas nas explorações da malha hidrográfica do rio Paraguai.

10 Comunicado expedido por Francisco Bareiro, capitão paraguaio, ao Ministro de Guerra e Marinha, Vicente Barrios, em 8 abr. 1866. ANA-SH, v. 347, n. 19, Folhas 1-2.

O informe, além de dar dados técnicos a respeito do caminho, como o da medição do seu traçado – 50 e tantas léguas ou algo em torno de 300 km, revela a quantidade de carne destinada ao consumo dos trabalhadores, bem como faz referência a uma das ferramentas de que dispuseram para realizar o trabalho. Uma dúzia de machados implica na derrubada de mata, e cerca de 300 kilos (20 arrobas) de carne salgada representam a fome de um número considerável de trabalhadores. Na falta de documentação que explicita a quantidade de pessoas envolvidas na abertura do caminho, é possível supor de forma genérica, ao considerarmos o consumo humano médio em 300 gramas de carne por pessoa, um contingente aproximado de 1000 indivíduos. O fato de a carne estar salgada pode tanto elevar o número de trabalhadores – nessa condição ela costuma render mais – quanto diminuir um pouco, uma vez que a capacidade de conservação é maior, podendo alimentar a *tropa* por mais tempo. A questão é que um caminho aberto no meio do Chaco, em terreno que, dependendo da época do ano, se torna alagadiço, não é tarefa das mais simples, exigindo esforços consideráveis. Analisando alguns mapas da região, percebe-se que há pequenos cursos d'água entre as duas localidades, o que levanta a hipótese de parte da madeira derrubada ter sido usada na construção de *pontes*.

Após alguns meses de exaustivos trabalhos na zona de transição entre o Chaco (Pantanal) e a selva tropical, em julho de 1866, o comando paraguaio foi informado sobre o término do empreendimento, que contou com mão-de-obra indígena. Por sinal, a habilidade dos *índios pedestres* em abrir trilhas no meio de matas, da qual se valeram os idealizadores do audacioso projeto, foi fundamental para que o mesmo fosse colocado em prática com resultados satisfatórios.

Embora a língua, como elemento cultural, tenha, em princípio, sido a responsável por arregimentar simpatias entre militares e indígenas, as relações de trabalho não ficaram isentas de problemas, revelando, assim, sua faceta pragmática. Os manuscritos revelam as tensões que permearam a empreitada.

Devido à premência de se abrir o caminho o mais rápido possível, o contingente de homens – em sua maioria índios – era submetido a uma jornada de trabalho extremamente penosa. Além disso, as condições de trabalho eram precárias e os salários, baixos, atrasavam constantemente. As autoridades provinciais de Chiquitos escreviam aos sócios da Sociedad Progresista de Bolívia, relatando queixas de maus-tratos sofridos pelos trabalhadores e cobrando soluções para os problemas. Todos esses ônus recaíam sobre os sócios capitalistas do empreendimento, tudo devidamente explicitado em contrato. A precariedade era tanta que os trabalhadores se viram obrigados a dispor de suas próprias ferramentas para dar continuidade ao labor, uma vez que não havia a reposição de peças adequada. Diante de tamanhas dificuldades,

era elevado o índice de homens que abandonavam o serviço. Deserção que acontecia também nas fileiras do exército paraguaio. Vários foram os soldados que se aproveitaram da obra logística para se refugiarem em território boliviano. Tão recorrente era este comportamento que os contemporâneos da obra apelidaram-na de *caminho dos desertores*.

Santo Corazón constituiu-se, assim, num provedor de mercadorias para as tropas paraguaias estabelecidas em Corumbá. Alimentos (leguminosos em sua maioria), artigos têxteis, pólvora, gado, tinta e papel eram alguns dos produtos que circulavam pelo caminho. Aliás, os militares paraguaios fizeram outras incursões pelo território boliviano, que tinham o caráter de *exercícios militares*. Em meio às refregas com o inimigo, o contingente militar paraguaio, reiteradamente, usufruía do espaço territorial boliviano para realizar movimentos de defesa e ataque. Interessante perceber na documentação em análise menções a respeito da procura por *folhas de coca*, usadas em larga escala nos *hospitais de sangue* paraguaios, provavelmente como analgésico, com o propósito de aliviar as dores dos feridos em batalhas<sup>11</sup>.

Mais do que mera curiosidade, esses aspectos revelam o quão enriquecedoras são as análises que levam em consideração aspectos como o da cultura material. O uso medicinal das folhas de coca é uma prática indígena que tem ressonância entre os soldados da república guarani, numa evidência de que as sociedades que interagiram nesse tempo e espaço carregavam consigo a cultura de seus antepassados. Práticas que convivem com o discurso *civilizador* difundido pelos mandatários dos Estados, no qual o índio, na visão das elites, era sinônimo de atraso e descompasso com a ordem internacional vigente, do progresso alavancado pela crescente industrialização. (ELIAS, 1993).

Mesmo não sendo fartos os recursos advindos de Santo Corazón, o caminho aberto durante a guerra seguia dando impulso à integração fronteiriça e ensejava um incipiente, porém importante movimento mercantil, no momento em que o Paraguai sofria um severo bloqueio e graves necessidades. Lembremos que, desde junho de 1865, quando a esquadra brasileira sobrepujou a paraguaia na afamada batalha naval do Riachuelo e passou a controlar os rios da Bacia Platina até a fronteira com o Paraguai, o exército de Francisco Solano Lopez se encontrava em sérias dificuldades, *quase* isolado.

---

11 Informação extraída de ofício sem número expedido por Romualdo Nuñez, oficial paraguaio atuando em Corumbá, ao Comando das Forças paraguaias em Assunção, datado de 08 de outubro de 1867. ANA, CRB, I - 30, 17,55.

Pelo caminho chegavam também emigrados políticos bolivianos, opositores do Presidente General Manuel Mariano Melgarejo Valencia, e naturais do departamento de Santa Cruz de la Sierra, muitos dos quais empresários e jornalistas, que de Corumbá rumavam para Assunção via Rio Paraguai.

Assim, a obra que foi executada com o apoio do governo central boliviano, também serviu àqueles que, perseguidos pelo mesmo, buscaram refúgio em solo paraguaio. Essa circulação de pessoas, produtos e ideias só foi possível através do emblemático diálogo entre *Caminhos*. Encontro que entrelaçou a rota terrestre - Corumbá a Santo Corazón - ao *caminho das águas* - o Rio Paraguai; interação que desde a colonização promoveu a ocupação do território pantaneiro, que aqui tratamos como fronteira reconfigurada pela guerra. A importância dessas rotas para o transcurso da guerra foi tamanha que mereceu receber os traços dos hábeis chargistas paraguaios.

Ilustração 2 O Cabichuí satiriza Caxias e o seu espanto com a chegada de abastecimento ao Paraguai. Como isso seria possível? Os aliados acreditavam ter cortado as comunicações com Assunção<sup>12</sup>.



12 Jornal "Cabichuí". Quinta-Feira, 19 de dezembro de 1867. Paso Cucu. Año 1. N. 66. Imprensa Nacional do Paraguai. Acervo da Biblioteca Nacional de Assunção (BNA).

A imprensa paraguaia produziu charges em profusão durante o conflito, sendo boa parte delas de cunho anedótico, racista e de exaltação patriótica explícita. Explicadas à luz de um Estado que controlava os meios de comunicação, perseguindo aqueles que se contrapunham ao regime lopista. Nessa perspectiva, dentre as publicações, gozavam de destaque o *Cabichuí* (uma pequena abelha, famosa pelas dores provocadas por suas ferroadas), *Cacique Lambaré* (totalmente escrito em guarani), *El Semanario* e *El Centinela*. O primeiro era, inclusive, distribuído no *front* de batalha com a intenção de *animar para o fogo* o contingente militar guarani. Os soldados brasileiros ao tomarem contato com os impressos, em meio às refregas com o inimigo, não escondiam a ojeriza com relação ao conteúdo do material. (CERQUEIRA, 1980).

A destacada charge, publicada no jornal *Cabichuí*, traz o olhar estupefato de Caxias, *El Macaco-Jefe*, para a intensa movimentação de pessoas que, usufruindo de caminhos alternativos, abastecem o *estrangulado* Paraguai de víveres e outros produtos vitais para a manutenção da resistência. Acreditamos ser uma referência clara às vias abertas entre o *Alto Paraguai* e a região oriental da Bolívia, durante o transcurso do conflito.

A pesquisa nos mostra, em realidade, que havia uma obstinada busca por caminhos alternativos que pusessem a Bolívia e, mais precisamente, a sua região oriental na rota do comércio platino. Foi com essa expectativa que o governo central boliviano incumbiu o francês Domingo Pomiés de mais uma missão: colocar em contato direto as populações de Santiago de Chiquitos e Corumbá, abreviando assim o percurso que se fazia desde Santo Corazón.

A pesquisa nos conduziu ao diário de Pomiés, no qual se encontram detalhes da penosa jornada. O trabalho, que teve início em agosto de 1866, foi marcado pela meticulosidade com que foi conduzido, especialmente, pelo apuro na medição das distâncias. Sem muitos acidentes geográficos ao longo de seu percurso, em linha reta, a nova rota Santiago-Corumbá foi comemorada com entusiasmo pelas partes envolvidas. A obra era tida como um incremento de grande importância ao comércio realizado entre as duas repúblicas vizinhas. No documento, o mercenário francês agradece a colaboração prestada pelo cacique Felipe Montenegro na condução dos indígenas que trabalharam na abertura do novo caminho, prometendo, inclusive, celebrar o feito com uma grande festa quando de seu regresso a Santiago, lugar de onde partira a expedição.

Os negócios, a partir de então, ganharam novo fôlego. Aproximadamente quinhentos negociantes oriundos do oriente boliviano usufruíram da nova rota. Muitos deles expressavam a vontade de seguir rumo à capital Paraguaia, Assunção, “ansiados em conecer sus hermanos y la heroica ciudad de la Asumpcion”<sup>13</sup>.

13 Correspondência do explorador francês Domingo Pomiés ao Comandante do Distrito Militar do Alto Paraguai, Coronel Hermógenes Cabral. Santiago de Chiquitos, 8 fev. 1867. ANA-SH, v. 446, 2 folhas.

## Referências

- ALVES, Joaquim Victorino Portella Ferreira. **Mallet, o patrono da artilharia**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1979.
- BETHEL, Leslie. **A Guerra do Paraguai: história e historiografia**. Organização de Maria Eduarda de Castro Magalhães Marques. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Campanha do Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980. 341 p.
- CHIAVENATTO, José Julio. **A Guerra do Paraguai: genocídio Americano**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CORREA, Lúcia Salsa. **Corumbá: um núcleo comercial na fronteira de Mato Grosso**. Dissertação (Mestrado em História)-. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.
- CORRÊA, Valmir Batista. **Corumbá: terra de lutas e de sonhos**. Brasília, DF: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006. p. 17-40.
- CORVISIER, André. **A Guerra: ensaios históricos**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 1999.
- COSTA, Wilma Peres. **A espada de Dâmocles: o exército, a guerra do Paraguai e a crise do Império**. São Paulo: Hucitec/Ed. da Unicamp, 1996.
- DORATIOTO, Francisco. **Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. **O conflito com o Paraguai: a Grande Guerra do Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. 2.
- GANSTER, P. et al. (Ed.). **Border and Border Regions in Europe and North America**. San Diego: San Diego State University and Institute for Regional studies of the Californias, 1997.
- GÓES FILHO, Synésio Sampaio. **Navegantes, Bandeirantes e Diplomatas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- LESSA, Antonio Carlos. **História das relações internacionais: a Pax Britânica e o mundo do século XIX**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MACHADO, Lia. **Limites, Fronteiras e Redes**. In: STROHAECKER, T. M. et al. (Org.). *Fronteiras e Espaço Global*. Porto Alegre: AGB, 1998. p. 41-49.

MAGNOLI, Demétrio (Org.). **História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2006.

MELLO, Serafim Carvalho. **Mato Grosso no Centro Oeste Sul-Americano**. Cuiabá: UFMT, 2005.

MOTA MENEZES, Alfredo de. **Guerra do Paraguai. Como construímos o conflito**. São Paulo: Editora Contexto, 1998.

OLIVEIRA, Vitor Wagner Neto. **Estrada Móvel, Fronteiras Incertas: os trabalhadores do Rio Paraguai (1917-1926)**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2005.

PELLEGRINI, Domingos. **Questão de Honra**. São Paulo: Editora Moderna, 1999.

RIBEIRO, Francisco Agostinho. **Traços Bibliográficos do General de Divisão Antonio Maria Coelho**. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico, 2002.

SCAVONE YEGROS, Ricardo. **Las Relaciones entre el Paraguay y Bolivia en siglo XIX**. Asunción: Servilibro, 2004.

SILVA, Alberto da Costa. **Da Guerra ao Mercosul: evolução das relações diplomáticas Brasil-Paraguai**. In: MARQUES, Maria Eduarda de Castro Magalhães (Org.). **A Guerra do Paraguai: 130 anos depois**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

TAUNAY, Alfredo D'Escagnolle de. **A Retirada da Laguna - episódio da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Ediouro, 1905.

Recebimento em: 15/03/2012.

Accite em: 26/03/2012.